Ronaldo Lidório

VOCACIONADOS



ultimato

Ronaldo Lidório

VOCACIONADOS

ultimato
VIÇOSA|MG

VOCACIONADOS

CATEGORIA: Ética | Missão | Vida cristã

Copyright © 2014, Ronaldo Lidório

Publicado originalmente em versão impressa pela Editora Betânia
www.editorabetania.com.br

Primeira edição eletrônica: Julho de 2015
Capa: Neriel Lopez
Diagramação: Bruno Menezes
Formato: PDF
ISBN: 978-85-7779-132-3

Publicado no Brasil com autorização
e com todos os direitos reservados pela

EDITORA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500 — Fax: 31 3891-1557

www.ultimato.com.br

SUMÁRIO

Introdução 5

1. Vocacionados para Deus 7
2. Vocacionados por Deus para missão 10
3. As crises do vocacionado 19
4. Cuidando do seu coração 23
5. A importância do envio 27
6. O próximo passo 30

Palavras finais 33
Sugestões de Leitura 36

INTRODUÇÃO

A VOCAÇÃO DE DEUS É PESSOAL, intransferível e incontestável. *Pessoal*, pois Ele chama pessoas e não coisas; gente e não instituições. E ao chamar Deus lança no coração de Seus filhos uma profunda convicção de propósito – a busca por estar no lugar certo, na hora certa e fazendo o que Ele deseja de nós a cada dia. *Intransferível*, pois o propósito de Deus é único e personalizado. A vocação não é um projeto, mas um estilo de vida. Não se baseia em uma lista de tarefas, mas em um relacionamento único, pessoal e intransferível com o Pai. *Incontestável,* pois a voz de Deus é clara. Ao chamar Ele produz em nossos corações profunda convicção e, quando fora do Seu propósito, incômodo. Sua palavra é comparada a "*muitas águas*" (Apoc 1.15) e ao "*trovão*" (Is. 33.3). Ele sempre se faz ouvir. Quando Deus chama somos tomados pelo desejo de segui-lo – e tudo o mais só ganha sentido neste caminho.

Se você está lendo estas linhas, provavelmente busca fundamento para confirmar o chamado de Deus em sua vida, ou mesmo orientação sobre o próximo passo a ser dado. Meu desejo nestas poucas páginas é orientá-lo nas Escrituras sobre a vocação ministerial e o caminho que você trilha.

Aos 14 anos de idade, eu participava de um culto numa quarta feira à noite quando meu pai, Gedeon Lidório, pastor da igreja, pregava sobre a seara e os trabalhadores, que são poucos. Meu coração ardeu naquele momento e fui tomado por uma forte convicção de que Deus me chamava para o ministério. Não sabia para onde iria, o que eu faria e nem quando. Sabia apenas que Deus me chamava.

Os passos seguintes muito me ajudaram a compreender a vocação, preparar-me para o que viria e perseverar na caminhada. Naquela quarta feira, na igreja presbiteriana em Nova Venécia, alguém orou por mim e outros irmãos pedindo que o Senhor nos desse discernimento e perseverança. Entendi que estes são dois elementos que não podem faltar na caminhada dos que são chamados por Deus. *Discernimento* para saber qual é o próximo passo e *perseverança* para jamais desistir.

Tenho duas principais motivações ao escrever este livrinho. A primeira é a consciência da grandeza do plano de Deus ao chamar milhares e milhares de pessoas para a Sua obra, visando, portanto, ao encorajamento. A segunda é a recorrente confusão bíblica sobre o assunto da vocação. Neste caso, o objetivo é o esclarecimento e orientação.

1.
VOCACIONADOS PARA DEUS

CHAMADO E VOCAÇÃO são termos similares na Palavra de Deus e derivam da expressão *kaleo* – que indica *chamar* ou *convocar*.

Na Palavra de Deus, todos os discípulos de Cristo são chamados – convocados – para o seguirem e, em todo o Novo Testamento, vemos que Deus chama para muitos propósitos. Ele chama para a salvação (2 Pe 1.10), para a liberdade (Gl 5.13), para sermos de Jesus Cristo (Rm 16. 25,26) e para a ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19.19). Todo chamado se dá segundo o Seu propósito (Rm 8.28) e somos encorajados a permanecer firmes (1 Co 7.20), andar de forma digna da nossa vocação (Ef 4.1) e vivê-la junto a outros igualmente chamados em Cristo (Ef 4.4).

O chamado de Deus não é uma prerrogativa do Novo Testamento. Deus, ao longo da história, chamou o Seu povo para o Seu propósito. Israel é chamado para ser bênção entre as nações (Gn 12.2) e para anunciar a salvação e a glória do

Senhor (Sl 96.3). Em Isaías, o Senhor fala sobre "*todos os que são chamados pelo meu nome*" e também menciona que estes foram criados "*para a minha glória*" (Is 43.7).

Todos os redimidos são, portanto, chamados por Deus e para Deus. A origem do chamado não é o homem ou a igreja, mas sim Deus. E a finalidade do chamado não é puramente servir aos homens ou à igreja, mas a Deus. Pedro deixa claro o chamado da Igreja quando afirma que "*vós sois geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo exclusivo de Deus, para anunciar as grandezas daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz*" (1 Pe 2.9). Estamos em Cristo porque Ele nos chamou.

Por volta de 1940, Deus levantou uma mulher na América do Norte para servir a Cristo na região amazônica. Solteira e inexperiente, ela iniciou seu trabalho na Colômbia vindo, anos depois, a adentrar na Amazônia brasileira a fim de evangelizar um rio chamado Içana. Seu nome é Sofia Muller, missionária da Missão Novas Tribos. Deus lhe deu forças e ela percorreu aquele rio durante décadas, evangelizou as etnias Baniwa e Kuripako, além de traduzir o Novo Testamento para a língua Kuripako. Como usava todo o seu tempo para o evangelismo, boa parte do trabalho de tradução era feito enquanto viaja durante as noites. Tive o privilégio de conhecer dois indígenas que remaram para esta missionária no Alto Rio Negro e ambos atestaram a sua ousadia na pregação do Evangelho. Sophia Muller faleceu em 1997, deixando milhares de indígenas evangelizados pela Palavra de Deus. Antes de seu falecimento, ela foi entrevistada por um jornal cristão e perguntaram-lhe como foi o seu chamado. Ela respondeu: "*Eu jamais tive um chamado. Ouvi uma ordem e obedeci*". Mesmo tendo sido vocacionada por Deus para o ministério missionário, ao qual serviu, fielmente, durante

décadas, ela usou esta oportunidade para desmistificar a ideia de que apenas aqueles que receberam um chamado ministerial específico devem servir ao Senhor, seja na obra missionária ou qualquer outro lugar.

Assim, a Igreja de Cristo é *toda* chamada (vocacionada, convocada) para a salvação, santidade, comunhão e missão. Neste sentido, todos os redimidos em Cristo são vocacionados. Não existimos de forma aleatória e despropositada. Fomos salvos em Cristo para fazer diferença – sendo sal e luz – e cumprir o chamado do Pai. E, dentre todas as vocações, a maior é glorificar a Deus (Rm 16.25-27).

Se olharmos a Palavra de forma ampla, possivelmente as convocações mais enfáticas sejam três: amar a Deus, amar ao próximo e fazer discípulos. Este é o nosso propósito e a nossa missão.

Você nasceu em Cristo com o propósito de servi-lo sendo sal e luz onde estiver. Assim, a evangelização, plantio de igrejas, encorajamento dos crentes, serviço social e ensino da Palavra não são responsabilidade de um grupo seleto de pastores e missionários, mas de toda a Igreja. Se você é discípulo de Cristo, já está convocado a servi-lo com tudo o que você é e tudo o que você tem. Suas forças, competência, oportunidades, emprego, inteligência, relacionamentos, finanças e família.

Cada caminhada é única e a sua rede de relacionamentos é singular. Ninguém tem os mesmos amigos e passará pelos mesmos lugares que você. E é na trajetória da sua vida que Deus deseja que você o sirva. Não é preciso ser chamado ao pastorado ou enviado como missionário para que isto aconteça. Não é preciso ter títulos ou posição de liderança em alguma igreja. O sinal de que Deus tem um propósito para a sua vida é tê-lo redimido em Cristo Jesus. Se você ama e segue a Cristo, portanto, você é vocacionado para os propósitos de Deus.

2.
VOCACIONADOS POR DEUS PARA A MISSÃO

VIMOS NO PRIMEIRO CAPÍTULO deste livrinho que Deus chama toda a Sua Igreja para a salvação e para a missão. Neste capítulo, veremos que, ao longo da história, Deus também chama indivíduos para funções específicas. Ou seja, o fato de todos os redimidos serem chamados para o propósito de Deus não isenta o Senhor de chamar alguns para funções específicas.

Ele chamou Abraão para sair de sua terra e ser o pai de uma grande nação. Chamou Moisés para conduzir o povo por quatro décadas de provações e bênçãos. Chamou Josué para conquistar uma terra por Ele prometida. Chamou Davi para ser rei sobre o Seu povo. Chamou Samuel quando ainda era menino para servir ao Altíssimo. Chamou Jeremias para ser profeta em tempos de crise. Chamou Jonas para ir aonde não desejava. Chamou Maria para ser a mãe de Jesus, o Salvador. Chamou os discípulos para

deixarem redes e trabalho e se tornarem pescadores de homens. Chamou Barnabé e Paulo para evangelizar os gentios. Chamou Timóteo para pregar a Palavra.

É clara na Palavra de Deus a vocação ao ministério para desempenho de uma função específica no Reino. Entendo que este ministério se baseia nos dons que Cristo distribuiu em Sua Igreja para que ela seja edificada e cumpra a sua missão. Estes dons são específicos e funcionais.

Dons e ministérios, porém, não estão ligados a uma posição de destaque ou superioridade na Igreja. Quem utiliza sua função ministerial como ponte para se destacar ou se impor a outros não compreende o significado da vocação bíblica. É justamente o contrário. Aqueles que são chamados ao ministério são chamados prioritariamente para servir.

Escrevendo aos Romanos, Paulo se apresenta como "*servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus*" (Rm 1.1), expressando que é servo de Cristo, porém, com um chamado ministerial específico: ser apóstolo.

Ele afirma ser "servo" – *doulos* – escravo comprado pelo sangue do Cordeiro, liberto das cadeias do pecado e da morte e, apesar de livre, cativo pelo Senhor que o libertou.

Afirma também ser chamado para ser "apóstolo", demonstrando que alguns servos podem ser chamados ao ministério, porém não há verdadeiros ministros que não sejam primeiramente servos.

O CHAMADO É FUNCIONAL E NÃO GEOGRÁFICO

Na busca pelo entendimento da nossa vocação, especialmente no contexto missionário, somos levados a pensar em "lugares" e é comum se perguntar a um vocacionado: para *onde* Deus o chamou?

É certo que Deus nos direciona especificamente para lugares diferentes em momentos diferentes da nossa vida, mas isto não é vocação. Vocação é o que faremos e não para onde iremos.

Esta confusão é resultado de uma influência missiológica que não distingue o critério bíblico de função com geografia. Da mesma maneira que um carpinteiro é vocacionado para trabalhar a madeira, os vocacionados são chamados para "fazer alguma coisa". Se isto é feito perto ou longe, no Brasil ou além-mar, não é definido pela vocação, mas sim pelo direcionamento de Deus. E o direcionamento geográfico de Deus pode mudar.

Aqueles que são vocacionados para serem pastores o serão, seja no Brasil ou na Índia. Os plantadores de igrejas, se colocados em São Paulo, irão plantar igrejas; se enviados para a Amazônia, farão a mesma coisa. Os mestres ensinarão a Palavra, seja em nossa própria língua ou em outra qualquer.

Quem nós somos e o que faremos – nosso chamado ministerial em Cristo – é mais determinante para nosso ministério do que para onde iremos. Não há na Palavra uma vocação geográfica (para a China, Índia ou Japão), ou mesmo étnica (para os indígenas, africanos ou asiáticos), mas uma vocação funcional, para se fazer alguma coisa a partir do dom dado por Deus. O que encontramos na Palavra associados a "lugares" são os direcionamentos geográficos para aqueles a quem Ele envia, e tais direcionamentos podem mudar. Tomemos o ministério de Paulo como exemplo. Deus o enviou para os gentios e o direcionou-o para Antioquia, Chipre, Icônio, Macedônia, Filipos, Jerusalém e diversas outras regiões e cidades. Nesta caminhada, o Espírito Santo também o impediu de prosseguir, como aconteceu em seu intento de ir às regiões da Ásia e Bitínia (At. 16. 6-7). Mais adiante, o próprio Jesus o direciona para Roma (At. 23.11).

Ao ser chamado por Deus para um ministério específico de acordo com o dom que Ele lhe dá, não se angustie se não souber para onde será enviado. Seja do outro lado da rua ou do outro lado do mundo, Deus, que o vocacionou, também o sustentará.

O ENVIO TRANSCULTURAL - PARA QUE TODAS AS NAÇÕES ADOREM AO SENHOR

A Palavra está repleta de ênfases transculturais motivadas pelo desejo de Deus em ser conhecido e adorado por todos os povos da terra. É importante, portanto, entendermos a relação entre este propósito de Deus e o envio missionário.

Nos Salmos, encontramos textos que expressam o desejo de Deus de ser adorado além-fronteiras, por todos os povos: "*Anunciai entre as nações a sua glória, entre todos os povos as suas maravilhas" (Sl 96.3); "O Senhor fez notória a sua salvação; manifestou a sua justiça perante os olhos das nações" (Sl 98.2); "Reina o Senhor; tremam os povos... celebrem eles o teu nome grande e tremendo porque é Santo" (Sl 99.1, 3); "Render-te-ei graças entre os povos... cantar-te-ei louvores entre as nações" (Sl 108.3); "Louvai ao Senhor vós todos os gentios, louvai todos os povos*" (Sl 117.1).

O templo de Deus construído por Salomão representava a presença deste Deus no meio do Seu povo. Israel entendia que o templo era a garantia de que Deus estaria com eles, portanto possuía uma conotação nacionalista para o povo e Salomão sabia disso. Porém, no dia em que o templo ficou pronto, o rei Salomão fez uma oração inaugural dizendo: "*... também ao estrangeiro, que não for do teu povo Israel, porém vier de terras remotas, por amor do teu nome... ouve tu dos céus, lugar da tua habitação... afim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome*" (1Rs 8.41, 43).

Salomão, perante o povo, perante os sacerdotes e perante Deus faz essa oração missionária rogando ao Senhor para ouvir os estrangeiros que vierem de terras remotas "*a fim de que todos os povos da terra conheçam o teu nome*". Sem dúvida, Salomão entendia o desejo que batia forte no coração do Senhor: ser conhecido até pelas etnias mais remotas da terra.

Isaías, ao profetizar sobre Jesus, o Cordeiro de Deus, inicia dizendo "*Ouvi-me, terra do mar, e vós povos de longe...*" (Is. 49.1). Nos versos 2 a 4, o *"Servo do Senhor"* (refere-se a Jesus) expõe que foi escolhido para ser Salvação de Deus. Nos versos 5 e 6, esse Servo narra: "*Mas agora diz o Senhor, que me formou desde o ventre... sim, diz ele: Pouco é o seres meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os remanescentes de Israel; também te dei como luz para os gentios, para seres a minha Salvação até à extremidade da terra*".

Este desejo e propósito de Deus – ser adorado por todas as nações – leva a Igreja a propagar o Evangelho a todos os povos. Liga-se perfeitamente à grande comissão dada por Jesus de se fazer discípulos "*de todas as nações*" (Mt 28.19). Desta forma, é imperativo que a Igreja de Cristo, ao longo da história, vá por todas as nações testemunhando e proclamando o Nome acima de todo nome – Jesus. Em diversos lugares onde a Igreja não consegue ir como comunidade, deverá enviar alguns com esta missão.

O chamado de Paulo era para ser apóstolo e sua prioridade ministerial se encontra *"onde Cristo ainda não foi anunciado"* (Rm. 15.20), o que pode ser perto ou longe. Expressa, muitíssimo bem, o diálogo entre o desejo de Deus de ser conhecido entre todas as nações e o envio de servos para que o Nome de Jesus seja anunciado por toda parte.

O perfil transcultural do ministério exige um preparo específico. É certo que Deus pode e tem usado pessoas com

pouquíssimo preparo, mas em geral a caminhada é mais árdua e longa. Lidar com outras línguas, diferentes visões de mundo e contextos sociais distintos impõe sobre o missionário uma forte demanda de adaptação pessoal e necessidade de transpor barreiras comunicacionais. Dra Frances Popovich dizia que "Deus usa tudo aquilo que aprendemos", portanto é preciso aprender tudo o que for possível e preparar-se bem para que o Nome de Deus seja espalhado por todas as nações.

APÓSTOLOS, PROFETAS, EVANGELISTAS, PASTORES E MESTRES

Em Efésios 4:11 entendo que o Senhor Jesus concedeu dons a alguns para o desempenho de funções específicas: serem apóstolos, profetas, pastores, evangelistas e mestres. É importante lembrar que a distribuição destes dons ocorre "*para que o Corpo de Cristo seja edificado*" (4.12).

Apóstolos, no texto, se refere àqueles que foram convocados diretamente por Cristo. John Stott nos lembra que a convocação ao apostolado feita por Cristo cessou no primeiro século quando Ele chamou os doze e Paulo. Porém, no sentido do envio (*apostelo* – enviar) toda a Igreja é apostólica, pois foi enviada por Cristo ao mundo. Para John Knox, os apóstolos possuíam um perfil específico, pois eram as *pedrinhas lançadas bem longe*, onde a igreja e o Evangelho ainda não haviam chegado. Eram os pioneiros de Cristo. É interessante perceber que os apóstolos chamados por Cristo no primeiro século alcançaram alguns dos confins da terra. Mateus foi para a Etiópia (África), André alcançou os Citas (na região da antiga URSS), Bartolomeu atingiu a Arábia e Tomé levou ao Evangelho à Índia. Paulo foi testemunha na Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia. No sentido histórico, portanto, considero que os apóstolos se restringiram

aos 12 e a Paulo no primeiro século. No sentido funcional, entendo que é da natureza apostólica da Igreja lançar pedrinhas aonde o Evangelho ainda não chegou.

Profetas (do grego *profetes*), no texto, indicam aqueles que falam da parte de Deus e comunicam a Sua verdade. Entendo que hoje consideraríamos profetas aqueles que expõem a Palavra de Deus. A exposição bíblica feita no temor e autoridade do Senhor tem o poder de confrontar e transformar vidas. Os maiores avivamentos da história originaram de exposições bíblicas feitas por cristãos apaixonados por Jesus, desejosos de profunda transformação e fiéis às Escrituras.

Evangelistas (do grego *eyaggelistes*) referia-se tanto àqueles que tinham grande facilidade para comunicar o Evangelho de Cristo quanto aos que moldavam outros com a forma do Evangelho, ou seja, os discipuladores. Apesar de todos os redimidos em Cristo serem chamados por Deus para a evangelização, compreende-se que há alguns que o fazem com maior desenvoltura ou facilidade, comunicando de forma clara e acessível o Evangelho àqueles que ainda não abraçaram o Cordeiro de Deus.

Pastores (do grego *poimenos*) eram os que amavam e cuidavam do rebanho de Cristo. Trata-se daqueles que são usados por Deus para juntar, alimentar e cuidar do povo do Senhor – e se sentem realizados com isto. Diversos exegetas enxergam na expressão "*pastores e mestres*" apenas uma função: pastores-mestres. Para efeito de especificidade vocacional, exponho separadamente.

Mestres eram os que ensinavam a Palavra de forma clara e transformadora. Seus ministérios não eram definidos pela quantidade de ouvintes ou condições de trabalho, mas puramente pela rica experiência de abrir a Palavra e ensiná-la. O compromisso do mestre é a Palavra.

Compreender que Deus lhe deu um dom chamando-o para o ministério é uma certeza que vem ao coração de forma pessoal e irrevogável. Discernir para qual ministério Deus o chamou é uma caminhada. É preciso entender que Deus, geralmente, mostra-nos apenas o próximo passo. Se você tem convicção de que Deus o chamou para o ministério busque no Senhor discernimento para o próximo passo, ofereça-se para cooperar nas necessidades ministeriais em sua igreja local e exponha-se aos contextos de trabalho para os quais você se sente dirigido.

Nesta altura gostaria de recapitular:

1. Deus chama toda a Sua Igreja para a salvação e a missão, portanto somos todos vocacionados para servi-lo com tudo o que somos e temos em Cristo Jesus.
2. Deus vocaciona alguns para funções específicas (ministérios) para que a Igreja se fortaleça e cumpra a sua missão na terra.
3. Deus vocaciona para o serviço e não para uma área geográfica. Deus direciona para lugares e este direcionamento pode mudar.
4. Deus chama servos para que possam servi-lo em funções específicas. O ministério não é uma plataforma de destaque pessoal, mas uma oportunidade de servir aos redimidos.
5. Deus envia alguns para o trabalho transcultural quando "*onde Cristo ainda não foi anunciado*" se encontra além-fronteiras. É Seu desejo ser conhecido e adorado por todos os povos da terra. A transculturalidade do trabalho exige preparo específico e geralmente prolongado.

Aos 16 anos de idade, meu pai levou-me para colaborar com alguns trabalhos em congregações e igrejas que estavam sob o seu cuidado. Trabalhei com adolescentes, ensinei na classe

de escola dominical, preguei em igrejas e o acompanhei em visitas pastorais. Dentro de dois anos, antes de seguir para o seminário, estava claro para mim que Deus não me chamara para o mesmo trabalho que chamou o meu pai. Enquanto ele sentia-se fortemente atraído pelo rebanho de Cristo, meus olhos se dirigiam para os não redimidos. Ele sentia satisfação e possuía nítida facilidade em visitar os crentes e cuidar do povo de Deus. Minha satisfação e facilidade estavam nas portas que se abriam para a evangelização entre os que não seguiam a Cristo. Fui para o seminário com a convicção de que não seria pastor em uma igreja local, mas um missionário ligado à evangelização e plantio de igrejas.

Estas conclusões ministeriais normalmente se dão ao longo da caminhada. Envolva-se nas oportunidades ministeriais que Deus lhe dá, peça a Ele discernimento e abra os olhos do seu coração para enxergar o caminho certo.

3.
AS CRISES DO VOCACIONADO

PERCEBO ALGUMAS CRISES entre os vocacionados. As principais talvez sejam de compreensão, discernimento e ação.

A crise de *compreensão* se estabelece à medida que não entendemos, na Palavra de Deus, que somos todos vocacionados para servir a Cristo. Assim, relegamos o trabalho aos que possuem um chamado ministerial específico. Outras vezes, por associarmos o chamado puramente a títulos ou posições eclesiásticas, esquecendo que fomos todos chamados em Cristo para a vida no Espírito e para o trabalho na missão.

A crise de *discernimento* nasce quando não fazemos clara distinção entre o chamado universal a todo crente e o chamado ministerial específico. Podemos passar a vida frustrados em qualquer lado do muro se não buscarmos discernimento vocacional. Esse discernimento é encontrado primeiramente na Palavra, estudando o que a Bíblia nos ensina sobre vocação.

Em segundo lugar, caso haja uma convicção de chamado ministerial específico, associando-nos ao trabalho da igreja e passando nossa vocação pelo crivo dessa experiência. Por fim, precisamos buscar ao Senhor em oração, especialmente para saber qual será o próximo passo. Deus, geralmente, só nos mostra o próximo passo.

A terceira crise que percebo é de *ação*. Há um número grande de irmãos e irmãs com clara compreensão bíblica sobre a vocação e claro discernimento sobre os passos a serem dados, mas nunca os dão. Para alguns, esse passo deve ser um envolvimento maior com o ministério da igreja local. Para outros, seria seguir para um centro de treinamento teológico ou para um campo missionário. O importante é perceber que, em algum momento ao longo da convicção de um chamado ministerial, é preciso dar um passo.

Ao longo dos anos, tenho me encontrado com duas classes de pessoas frustradas com o caminho percorrido a partir da nítida sensação de que "está faltando alguma coisa". A primeira é do crente que tem seu trabalho e carreira, mas sente que deveria estar no ministério com tempo integral. É possível que Deus de fato o tenha chamado para o ministério e que seja preciso abandonar seu trabalho, preparar-se e seguir. Porém, a maioria dos casos que observo é formada por crentes que deveriam estar envolvidos nas causas de Deus no percurso de sua caminhada de estudo, trabalho e carreira. Deveriam ser sal e luz aos colegas de escritório, testemunhas de Cristo aos amigos da universidade e cooperadores dos necessitados. Deveriam se envolver para minimizar a injustiça, a fome e a miséria, além de pregar a Palavra nas ruas, praças e condomínios. Falta envolvimento com as coisas de Deus, o que gera uma frustração espiritual que pode ser confundida com um chamado ministerial. Em casos assim,

largar a profissão e ir para um seminário ou campo missionário não os levará a encontrar o que está faltando, pois o que falta é um compromisso pessoal com Deus e as coisas de Deus.

A segunda classe em que percebo focos de frustração é no meio ministerial. São pastores e missionários que, estando envolvidos com a obra de Deus, passam também a nutrir em seus corações uma atração pelos caminhos profissionais ou acadêmicos não diretamente ligados ao ministério. Quero deixar claro que entendo de forma extremamente positiva estas oportunidades de maior preparo e louvo a Deus por aqueles que ousam ir além do preparo teológico, transitando pelas áreas da antropologia, história, linguística, psicologia e outras. Por outro lado, nesta caminhada alguns parecem ser seduzidos pelas luzes acadêmicas e profissionais, levando-os a se dispersarem do foco ministerial e, ao fim, produzindo uma forte frustração. A solução não é distanciar-se das ferramentas que Deus lhe dá para melhor servir no ministério, mas manter clara e viva a chama vocacional, relembrando quais são, de fato, as prioridades de Deus em sua vida.

Quando o preparo se alia ao ministério, o resultado é abençoador. Há, por exemplo, um número crescente de missionários biocupacionais que chegam a regiões onde um missionário apenas com preparo teológico jamais chegaria. Estes missionários biocupacionais têm acesso a classes e comunidades que um religioso não teria. Em qualquer situação, parece-me que o mais importante é jamais se esquecer de que Deus o chamou para servi-lo com dons e oportunidades que Ele lhe dá – e não há nada melhor.

Nossa vocação em Cristo é nosso maior privilégio e também nosso maior desafio. Perante tal vocação, devemos louvar a Deus e lhe agradecer pelo privilégio de servir a Cristo ao

mesmo tempo em que devemos nos fortalecer no Senhor (Ef. 4.10) para não cair nas ciladas do diabo (v. 11), resistir no dia mau (v. 13) e pregar o Evangelho de Deus (v. 19).

Estive visitando uma região próxima a Maraã no coração do Amazonas, onde vivem os Kambeba, Kokama e Miranha. Eram tidos, até poucos anos atrás, como grupos indígenas ainda não alcançados pelo Evangelho. Tamanha foi minha surpresa ao chegar entre eles e ver ali a presença de uma forte igreja evangélica, que louva a Deus com fervor e amor. Procurando os autores daquele trabalho missionário, apontaram-me alguns crentes ribeirinhos, especialmente o Sr. João, como é conhecido. Fui entrevistá-lo. Pessoa simples, quase iletrado, mas com tremenda paixão pelo Senhor Jesus. Com a sua família, ele vivia em um *flutuante* formado por um cômodo apenas e, além das redes, possuíam somente uma cadeira e uma panela. Contaram-me como se mantinham por meio da pesca e usavam toda a energia e tempo para transmitir o Evangelho de Cristo aos indígenas da região.

Perguntei-lhe: "Mas como vieram parar aqui, em região tão distante?". Ao que respondeu: "viemos ganhar a vida". "E como está a vida ?" – indaguei. "Vai muito bem. Já plantamos seis igrejas".

Aqueles eram missionários sem sustento, aplausos ou reconhecimento. Eram servos de Jesus que confundiam o ganhar da vida com o ganhar de almas. Pessoas que passavam privações profundas para que o Evangelho chegasse até o final do rio Maraã.

O que segura um missionário no campo não são projetos, sustento, equipes ou igrejas enviadoras, mas sim a profunda, intransferível e inconfundível convicção que Deus o chamou.

4.
CUIDANDO DO SEU CORAÇÃO

NO CAPÍTULO 13 DE ATOS, Paulo e Barnabé se encontravam na igreja de Antioquia. Foi ali que o Senhor falou com a igreja confirmando o chamado que tinham para o ministério. A Palavra narra que "*disse o Espírito Santo: separai-me a Barnabé e a Paulo para a obra a que os tenho chamado*" (v. 2). Diz também que eles, com a liderança da igreja descrita no versículo 1, estavam "*servindo ao Senhor*" (v.2) quando o Espírito Santo lhes convocou. Estudemos um pouco o que significa *servir* para entendermos qual deve ser a postura de vida daqueles a quem Deus chama.

SERVINDO ELES AO SENHOR

O verbo "*servindo*" (do grego *leitourgounton*) utilizado no verso 2 aponta para aqueles que serviam ao Senhor como *leitourgoi*,

servos. Lembremo-nos que havia três formas de alguém se apresentar como *"servo"* no contexto do Novo Testamento.

Primeiramente, como *doulos* – o escravo. Nas palavras de Candus, seria "*aquele que pessoalmente acompanha o seu Senhor para realizar os desejos do seu coração*". Portanto, *doulos,* no contexto do Novo Testamento, seria aquele que tem um compromisso direto com Deus – que serve pessoalmente ao seu Senhor.

Em segundo lugar, como *diakonos* – o mordomo. Aquele que serve ao seu Senhor através do serviço à comunidade. Na Palavra, o termo é usado para aqueles que, sensíveis à necessidade do Corpo de Cristo (física e espiritual), servem a Deus.

Em terceiro lugar, como *leitourgos* – o edificador. O termo, ligado à *leitourgia* (liturgia), não é restrito ao culto como o usamos hoje. Refere-se àquele que serve ao Senhor sendo usado por Ele para abençoar e edificar o seu irmão. É justamente esta a raiz do verbo em Atos 13 e expressa que Paulo e Barnabé *serviam* ao Senhor, afirmando assim que eles eram, antes de tudo, abençoadores, edificadores do Corpo de Cristo em Antioquia. Em outras palavras, eram uma bênção naquele lugar!

A primeira característica apontada pelo texto a respeito desses dois homens que iniciaram a obra missionária como a conhecemos hoje não foi a competência intelectual, o título ministerial ou a profundidade teológica, mas sim a fidelidade de vida em relação aos de perto que os rodeava em Antioquia.

Uma aplicação objetiva do texto seria: *não envie para longe aqueles que não são uma bênção perto*. Aquele rapaz que diz possuir um claro chamado ministerial, mas é criador de problemas, não está pronto para ser enviado. Aquela jovem que insistentemente se diz chamada e deseja ir para algum lugar distante, mas não se dispõe a cooperar em um ministério da

sua igreja local, também não está pronta para o envio. O outro jovem que deseja ser pastor e servir ao Corpo de Cristo, mas é e imaturo e arrogante na relação com os demais, não deve ainda ser enviado ao seminário. Não envie para longe quem não é uma bênção perto.

Spurgeon já falava, em 1885, que "*nada é mais difícil do que se mostrar fiel aos de perto que bem lhe conhecem*" e aqui três rápidas aplicações poderiam ser feitas com base no texto de Atos 13.

Pessoal. Não há nada mais perto de nós do que a nossa família. Aquele que não pode ser apontado pelos pais, esposa, esposo ou filhos como *leitourgos* no dia a dia de sua casa, dificilmente será uma bênção fora dela.

Ministerial. Líderes e pregadores que se destacam nos púlpitos e salas de seminários, mas fracassam sucessivamente com a família, amigos e pessoas chegadas, não estão prontos para o ministério. O ministério não nos define. O que nos define é nossa vida em Cristo.

Eclesiástica. Não há nada mais perto da igreja do que a própria igreja – os irmãos com os quais nos encontramos a cada dia ou semana. Se uma comunidade cristã não demonstra ser *leitourgos,* abençoadora, para aqueles com que convive dia a dia, culto a culto, dificilmente conseguirá fazer diferença em outros lugares da sociedade, seja perto, seja longe.

DEUS NÃO VÊ COMO VÊ O HOMEM

Deus nos avalia pelo nosso coração e não por nossa aparência. A Palavra usa expressões como "coração puro" (Sl 51.10), "de todo o teu coração" (Mt. 22.37), "integridade do coração" (Sl. 78.72) e "santidade ao Senhor" (Ex. 29.6) para nos fazer entender que

"o Senhor não vê como vê o homem, pois o homem olha para o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração" (1 Sam. 16.7)

Richard Baxter (1615-1691), teólogo, homem piedoso e autor de mais de 130 livros, afirma em seu livro *O pastor aprovado* que "*é mais fácil julgar o pecado que dominá-lo*" e desafia-nos: "*somos exortados a olhar por nós mesmos para não suceder que convivamos com os mesmos pecados contra os quais pregamos*". Nesta mesma esteira, C. S. Lewis nos ensina que "*quando um homem se torna melhor, compreende cada vez mais claramente o mal que ainda existe em si. Quando um homem se torna pior, percebe cada vez menos a sua própria maldade*".

É na arena do nosso coração que as maiores batalhas são travadas. É ali que sairemos vitoriosos em Cristo ou derrotados pela carne. O ministério não é tecido prioritariamente por fios de inteligência, competência ou influência, mas de santidade, fé e espírito quebrantável. Que Deus nos livre de sermos aplaudidos pelos homens e desqualificados por Ele. Cuide do seu coração!

5.
A IMPORTÂNCIA DO ENVIO

VIVEMOS ÉPOCAS em que muitos missionários desejam caminhar de forma independente, sem serem enviados por uma igreja local e sem prestar contas a alguma liderança. Parece-me que a Bíblia dá muita importância ao papel da igreja local no envio missionário. Em Atos 13, lemos que a igreja em Antioquia estava orando e jejuando, ouviu a voz do Espírito Santo e impôs as mãos enviando Paulo e Barnabé (v. 1-3).

A imposição de mãos possuía um significado específico entre romanos e gregos no primeiro século. Compreendê-lo também nos levará a perceber a responsabilidade de enviar e o privilégio de ser enviado.

Sinal de autoridade. Esse "*impor de mãos*" em Atos 13 remonta ao grego clássico quando um pai impunha suas mãos sobre o filho que lhe sucederia na chefia da família, ou seja, uma transferência de autoridade. Para Paulo e Barnabé, isso

significava que eles possuíam a autoridade eclesiástica para fazer o que a igreja faria, mesmo onde ela não estivesse presente como comunidade. É, portanto, ao mesmo tempo uma carga de autoridade e responsabilidade. Eles poderiam pregar a Palavra, orar pelos enfermos e confrontar os incrédulos com o Evangelho, mas ao mesmo tempo precisariam também compartilhar da mesma fidelidade e dedicação que existia naquela comunidade dos santos em Antioquia.

Sinal de reconhecimento. A imposição de mãos também era usada em momentos oficiais como na cidade de Alexandria, quando vinte oficiais foram escolhidos para guardar a entrada da cidade que sofria com frequentes ataques de nômades, e sobre eles *foram impostas as mãos* em sinal de reconhecimento de que eram dotados das qualidades para aquela função. Para Paulo e Barnabé, consistia no fato de que a liderança da igreja reconhecia não apenas o chamado (que era claro), mas também a capacidade e dons para cumprirem a missão.

Sinal de Cumplicidade. Encontramos também no grego clássico o "*impor de mãos*" no sentido de cumplicidade, quando generais eram enviados a terras distantes para coordenar uma província e as autoridades enviadoras impunham as mãos demonstrando ao povo que eles não seriam esquecidos. Ou seja, permaneciam como parte do corpo mesmo não estando entre eles. Para Paulo e Barnabé, significaria dizer que, por mais distantes que fossem, permaneceriam ligados à igreja de Antioquia, que essa igreja continuaria responsável por eles, amando-os, desejando o melhor e sustentando-os em suas necessidades.

A meu ver, impor as mãos como sinal de *autoridade* e *reconhecimento* não é tão difícil como as impor em sinal de *cumplicidade*, pois esse último é um ato contínuo que demanda dedicação e profundo amor.

Aos vocacionados ao ministério, eu aconselho: não vá, seja enviado. Envolva-se com uma igreja local a fim de que ali o seu chamado e dons sejam reconhecidos, a voz do Espírito seja ouvida e você seja enviado.

Entendo também que a crise de muitos vocacionados é justamente a falta de sensibilidade e visão da própria igreja local ou de sua liderança perante o seu chamado. Muitos aguardam um apoio que nunca chega, o que lhes traz frustração e desencorajamento. Um bom passo, neste caso, além de orar para que Deus abra os olhos do seu pastor e líderes, é investir em suas vidas. Tenho visto muitos pastores com uma visão missionária aberta após ter recebido de presente um bom livro sobre o tema. Outros foram tocados por Deus e tiveram a visão alargada após ouvirem palestras em CDs e DVDs que tratavam do assunto. Tenho também encontrado pastores e líderes que têm sido abençoados ao terem a oportunidade de participar de congressos com foco missionário. Invista na liderança da sua igreja local.

6.
O PRÓXIMO PASSO

Se você chegou até aqui e está convicto de sua vocação ministerial, é possível que esteja ávido para saber de Deus o próximo passo. Algumas sugestões para você.

1. *Busque compreensão e discernimento na Palavra*. Estude a Palavra de Deus. Leia a história de Paulo e outros chamados pelo Senhor. Busque na Bíblia o tesouro que irá encher o seu coração de convicção, direção e perseverança. A Palavra nos desperta, anima e mostra o caminho.

2. *Converse com seu líder ou pastor*. Em Atos 13, Deus falou com a igreja em Antioquia sobre o envio de Paulo e Barnabé. Abra o coração para o seu pastor sobre o chamado de Deus em sua vida e o convide a orar com você por isto. No caso de pastores ou igrejas com pouca visão missionária, invista em suas vidas. Dê ao seu pastor um bom livro, vídeo ou dica de um congresso através do

qual Deus poderá tocar seu coração para que sua igreja se torne enviadora e missionária.

3. *Passe pelo crivo de um trabalho local.* Se Deus o tem chamado para o ministério, não há lugar melhor para iniciar esta caminhada do que a igreja local. Pregue, sirva, evangelize. Envolva-se com algum ministério local que tenha mais afinidade com o chamado de Deus para você. Ofereça-se para participar e envolva-se de coração. Seja uma bênção perto.

4. *Prepare-se*. O preparo fundamental é a sua vida com Deus e a sua vida devocional. A igreja local também é fonte de preparo, pois ali aprendemos os fundamentos da fé cristã e muito mais. Para o ministério, é também necessário preparar-se em um centro teológico, missiológico ou missionário. Se Deus o tem direcionado para um trabalho fora da sua cultura, você precisará de um preparo antropológico e linguístico. Prepare-se, pois Deus usa tudo o que aprendemos.

5. *Aproxime-se de uma agência missionária.* As agências missionárias possuem uma grande experiência no acompanhamento de vocacionados. Elas podem lhe dar preciosas orientações e também ligá-lo a outras pessoas que estão na mesma caminhada. Conhecem também os campos onde atuam e podem lhe indicar o melhor preparo antes de partir. É bom não estar só.

6. *Parta*. Creio que alguém está de fato indo para o ministério, especialmente pensando em campos missionários, quando vende os seus móveis. Não é fácil partir. Busque de Deus a direção, bem como as forças para partir na

hora certa. A caminhada com Deus é repleta de partidas, como aconteceu com Abraão, Moisés e Jacó. Partimos pela fé, sabendo que Aquele que nos envia também nos sustentará.

7. *Persevere*. O ministério é uma maratona que requer determinação e perseverança. Haverá na sua jornada ministerial dias bons e dias maus. Dias em que se sentirá encorajado, apoiado, suprido e amado. E outros em que se sentirá só e desalentado. É necessário manter os olhos em Jesus Cristo, Senhor da sua vida e autor da sua vocação. Paulo nos ensina a nos fortalecermos no Senhor e na força do Seu poder para resistirmos no dia mau (Ef. 4.11) permanecendo, ao fim, inabaláveis (v.13). A força do seu ministério não está em sua própria habilidade, competência, sustento ou igreja enviadora, mas no Senhor. Ele – e somente Ele – o levará até o fim.

PALAVRAS FINAIS

MINHA SINCERA ORAÇÃO é que Deus lhe dê discernimento para saber o seu próximo passo e perseverança para não desistir ao longo do caminho.

A história de Adoniran Judson é um exemplo de discernimento e perseverança. Ele sonhava e se preparou para ir para a Índia empenhando-se neste propósito. Deus tinha outros planos e o enviou para a Birmânia, atual Myanmar. Chegou naquele país ainda não evangelizado em 1813 e permaneceu até 1831.

Foi um dos missionários que mais suportou provações em sua vida – e perseverou. No primeiro ano, ainda aprendendo o birmanês, escreveu um planfleto intitulado *Quem é Jesus*. E ali reproduziu diversos versos bíblicos sobre Jesus Cristo, reproduziu os panfletos e os distribuiu aos que sabiam ler, mas não foram bem recebidos. Nos anos seguintes, Judson

perde a sua esposa e dois de seus filhos. Ele é encarcerado três vezes e também torturado, sendo pendurado de cabeça para baixo e também forçado a andar por sobre brasas. Mesmo assim, não desistiu.

Mais adiante, passa a ser confrontado também por seus próprios amigos da igreja que o enviara, perguntando pelos frutos do seu trabalho, que ainda não eram visíveis. Ao longo dos quase 18 anos de ministério, ele diz que enfrentou uma angústia continuada por quase 10 anos. Certamente, tratava-se de uma depressão, sem diagnóstico certo naquela época.

Combalido pelas provações, não deixa de pregar o Evangelho até encontrar um birmanês que dizia ser crente, pois se convertera lendo o panfleto que ele escrevera no primeiro ano de ministério, sobre quem é Jesus. A partir daquele momento, Deus começa a derramar graça e converter dezenas, centenas e milhares de birmaneses. Ao fim do seu ministério, Adoniran Judson deixou a Birmânia com 63 igrejas plantadas e mais de 200 líderes nativos treinados na Palavra.

Hoje, a Birmânia é chamada por outro nome: Myanmar. Este é um dos países mais fechados para a evangelização ou entrada missionária. Algo curioso nas estatísticas é que Myanmar, mesmo sendo tão fechado para as ações missionárias, abriga hoje quase quatro milhões de cristãos. Anos atrás, alguns pesquisadores conseguiram entrevistar diversos destes cristãos no país, perguntando-lhes quem os levou a Cristo. A resposta era sempre a mesma: "os nossos pais". Ao serem interpelados sobre quem levou seus pais a Cristo, eles respondiam: "os nossos avós". E assim seguiam respondendo, lembrando as gerações passadas, até chegarem ao início do século 19 quando um homem, mesmo perante as angústias da vida e provações do ministério, decidiu obedecer.

A vida de Judson inspirou milhares de outras ao longo dos séculos. Uma delas foi Jim Elliot, missionário entre os Auca nos anos 50. Encorajado pelo exemplo de Judson, ele escreve em uma de suas cartas: "*viva de tal forma que, ao chegar o dia da sua morte, nada mais tenha a fazer a não ser morrer*". Deus nos abençoe a fazer o mesmo.

Conecte-se ao www.vocacionados.org.br
e participe de nosso programa para os vocacionados

TRABALHOS CITADOS E ALGUMAS SUGESTÕES DE LEITURA

AMORESE, Rubem. *Fábrica de Missionários - nem leigos, nem santos*. Editora Ultimato, 2008.

BAXTER, Richard. *O pastor aprovado*. Editora PES, 1989.

CÉSAR, Kléos. *Vocação, perspectivas bíblicas e teológicas*. Editora Ultimato, 1997.

EDWARDS, Jonathan. *A vida de David Brainerd.* Editora Fiel, 2012.

HAY, Rob; LIM, Valerie; KETELAAR, Detlef & HAY, Sara. *Dignos de cuidado*. Editora Descoberta, 2008.

LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando igrejas*. Editora Cultura Cristã, 2007.

LIDÓRIO, Ronaldo. *Liderança e integridade.* Editora Betânia, 2009.

LOPES, Hernandes. *De pastor a pastor*. Editora, Hagnos, 2008.

MACEDO, Alícia (org). *Criando filhos entre culturas*. Editora Ultimato, 2011.

MERR, Antônia. *Missionários feridos*. Editora Ultimato, 2009.

MESQUITA, Mônica. *Missionários & Recursos – parcerias no Reino de Deus. O desafio de encontrar recursos para o trabalho missionário*. Editora Betânia, 2011.

NOUWEN, Henri. Ministério Criativo. Editora Palavra, 2008

PETERSON, Eugene. *A vocação espiritual do pastor*. Editora Mundo Cristão, 2006.

PIPER, John. *Irmãos, nós não somos profissionais*. Editora Vida Nova, 2009.

SILVA, Jarbas. *Chamado, choque e carisma – considerações missiológicas para o século XXI*. Editora Descoberta, 2008.

STOTT, John. *O discípulo radical*. Editora Ultimato, 2012

TRIP, Paul. *Vocação perigosa*. Editora Cultura Cristã, 2015

SE OLHARMOS as Escrituras de forma ampla, possivelmente as convocações mais enfáticas sejam três: amar a Deus, amar ao próximo e fazer discípulos. E todos os cristãos foram chamados para fazer diferença na sociedade. Portanto, se você ama e segue a Cristo você é chamado por ele.

E, mais. Deus também convoca alguns para tarefas e ministérios bem específicos – e é preciso compreensão bíblica e discernimento nesta caminhada.

Vocacionados apresenta uma abordagem bíblica e também orientações práticas para todo aquele que deseja seguir a Cristo e cumprir sua vocação ministerial.



SOBRE O AUTOR

Ronaldo Lidório é pastor e missionário ligado à Agência Presbiteriana de Missões Transculturais (APMT) e WEC Internacional. Atuou no noroeste africano por 9 anos como plantador de igrejas e tradutor do Novo Testamento. Desde 2001 serve na região amazônica entre indígenas do Brasil. É doutor em antropologia pela Royal London University e consultor nas áreas de Missiologia e Antropologia para diversas organizações missionárias. É também autor de vários livros, entre eles, *Indígenas do Brasil — avaliando a missão da igreja* e A *Questão Indígena — Uma Luta Desigual*.

ISBN: 978-85-7779-132-3

9 788577 791323

ultimato